

Eixo Temático: Estratégia e Internacionalização de Empresas

**EXPORTAÇÃO DA SOJA BRASILEIRA: IMPACTOS DA INSERÇÃO
INTERNACIONAL DA CHINA NA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO
EM 2001**

**BRAZILIAN SOYBEAN EXPORTS: IMPACTS OF INTERNATIONAL CHINA
INSERT THE WORLD TRADE ORGANIZATION IN 2001**

Tonia Magali Moraes Brum, Estevam Trombetta Kuntzer, Jorge André Ribas Moraes, André Luiz Emmel Silva e Olívio Bochi Brum

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar os impactos da exportação da soja brasileira partir do momento da inserção internacional da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica que mostra que o Brasil tornou-se um dos principais agentes no mercado mundial do complexo da soja. A entrada da China na OMC trouxe impactos relevantes na pauta de exportação sojícola brasileira. Até 2000 o Brasil apresentou exportações de US\$ 60 bilhões, evoluindo para US\$ 202 bilhões em 2010. Com isso o país multiplicou suas exportações em 3,4 vezes. O artigo está estruturado da seguinte forma, conta com uma introdução, que abrange o problema da pesquisa, os objetivos, a justificativa e a metodologia utilizada. Logo após apresenta uma revisão da literatura sobre o cenário mundial e brasileiro da soja, bem como sobre o mercado mundial de produtos do complexo soja e sua importância socioeconômica. Ainda, analisa-se o foco desse estudo como a entrada da China na OMC e consequentes impactos na exportação da soja brasileira. A seguir faz-se o fechamento do estudo com as conclusões. E por fim, são listadas as referências utilizadas.

Palavras-chave: produção de soja, mercado mundial, complexo da soja

ABSTRACT

This study aims to analyze the impact of the export of Brazilian soybeans from the time of China's international position in the World Trade Organization (WTO) in 2001. Therefore, there was a bibliographical research that shows that Brazil has become one of the key players in the global market for the soy complex. China's WTO accession has brought significant impacts on the Brazilian export basket sojícola. By 2000 Brazil had exports of \$ 60 billion, rising to \$ 202 billion in 2010. With this, the country has multiplied its exports by 3.4 times. The paper is organized as follows, it has an introduction that covers the research problem, the objectives, the justification and the methodology used. Soon after reviews the literature on the world stage and Brazilian soybeans, as well as on the world market for soy complex products and their socioeconomic importance. Also analyzes the focus of this study as China's entry into the WTO and consequent impacts on export of Brazilian soybeans. The following is made the study of closing with the conclusions. Finally, the references used are listed.

Keywords: soybean's production, worldwide, soybean complex

1 INTRODUÇÃO

A economia mundial cada vez mais globalizada tem sido o principal agente responsável pelo aumento da produção de soja. Como o aumento do consumo em países como a China a demanda pela oleaginosa tem sido cada vez maior (USDA, 2013).

Nos últimos anos a China tornou-se a principal parceira comercial do Brasil, especialmente no que diz respeito às exportações brasileiras de commodities, como a soja e seus derivados.

Para o desenvolvimento deste estudo que busca analisar os impactos da exportação da soja brasileira a partir da inserção internacional da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), realizou-se uma pesquisa bibliográfica referente ao tema elegido.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma, além desta introdução, que abrange o problema da pesquisa, os objetivos, a justificativa e a metodologia utilizada, ainda há mais três seções. Na segunda seção, intitulada Revisão da Literatura tecem-se algumas informações importantes sobre o cenário mundial e brasileiro da soja, bem como o mercado mundial de produtos do complexo soja e sua importância socioeconômica. Ainda, analisa-se o foco desse estudo como a entrada da China na OMC e consequentes impactos na exportação da soja brasileira. Na terceira seção faz-se o fechamento do estudo com as conclusões. E por fim, na quarta seção, são listadas as referências utilizadas.

1.1 Problema

Percebe-se que as relações comerciais e econômicas entre Brasil e China tiveram um significativo aumento a partir de 2001 quando esta se tornou membro da OMC. A inserção da China nessa organização foi bastante estratégica, pois este país necessitava exportar suas manufaturas e importar bens primários necessários para suprir tanto a população quanto o crescente setor industrial chinês. Para Jenkins, a China “*is now the world’s leading consumer of many commodities and accounts for a substantial share of world demand*” – “é agora o principal consumidor mundial de muitas *commodities* e conta com uma substancial parcela da demanda mundial” (JENKINS, 2011, 75 – tradução do autor). No entanto, para o Brasil, de fato:

- quais e como tem sido os impactos comerciais e econômicos que a relação sino-brasileira tem causado a partir da adesão da China na Organização Mundial Comércio (OMC) em 2001 ?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar os impactos da exportação de soja brasileira a partir da inserção internacional da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001, com vistas oferecer subsídios tanto para estudos acadêmicos atuais e futuros sobre o tema, bem como para produtores e demais agentes do complexo agroindustrial da soja obterem maior riqueza de informações sobre o comércio internacional da oleaginosa.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para um melhor entendimento do objetivo geral, faz-se necessário o alcance de alguns objetivos específicos:

- a) avaliar os fatores que levaram a soja a ter significativa importância econômica para o Brasil;
- b) comparar os índices das exportações da soja brasileira para a China com os demais países importadores desse produto;
- c) verificar a relação da inserção da China na OMC com o aumento da produção e exportação da soja brasileira.

1.3 Justificativa

A partir de 2001, ano em que a China entra para a Organização Mundial do Comércio (OMC), a participação chinesa no comércio internacional tem atingido números cada vez mais expressivos. Através disso, o principal destino das exportações brasileiras, na década de 2000, foi a China, a qual substituiu tradicionais parceiros do Brasil no quesito exportações.

As relações comerciais entre o Brasil e a China não são recentes, no entanto, o maior dinamismo das trocas comerciais, foi e está se acentuando a partir do início deste século, por isso, a tamanha relevância em analisar e entender o porquê desse processo ter se intensificado nos últimos anos, ou seja, quais os fatores externos que levaram à forte concentração das exportações brasileiras de *commodities*, nesse caso a soja, para aquele país.

A China teve e tem grande influência para que houvesse uma reversão na pauta exportadora brasileira – as *commodities* passaram a ocupar o primeiro lugar entre os produtos mais exportados pelo Brasil nos últimos anos. Portanto, esse estudo ajudará em uma melhor compreensão a cerca da importância das exportações de soja e seus derivados para a China e para que o resultado da balança comercial brasileira fosse positivo, podendo ser útil para futuros estudos da comunidade acadêmica e para auxiliar produtores e demais interessados do setor que desejam vislumbrar seus negócios, também, além das fronteiras.

1.4 Metodologia

O presente trabalho, quanto aos fins, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, pois visa proporcionar uma familiaridade com o problema (explicitá-lo), podendo realizar um levantamento bibliográfico e até entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado (GIL, 2008). Quanto aos procedimentos, como uma pesquisa bibliográfica, ou seja, “um tipo de pesquisa que tem como objetivo conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema” (ESPIRITO SANTO, 1992, p.81). E quanto à abordagem do problema, caracteriza-se como qualitativa, pois esta pressupõe “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo do objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 1991, p.79).

A coleta de dados foi realizada em artigos científicos, revistas, livros técnicos e sites oficiais.

A análise dos dados foi feita de forma qualitativa, com base na interpretação os dados científicos encontrados no decorrer da pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A soja no cenário mundial

A soja (*Glycine max*) é uma planta originária do continente asiático, mais precisamente da região do rio Yangtse, na China. Relatos revelam que em 2.838 anos a.C já havia o plantio da mesma, onde ela era considerada uma planta sagrada. A cultura da soja foi introduzida no ocidente pela Europa, por volta do século XV, tendo como principal finalidade

a ornamentação. Em meados do século XVIII pesquisadores europeus iniciaram estudos do feijão da soja como fonte de óleo e nutriente animal, sendo que apenas no início do século XX passou a ser cultivada comercialmente nos Estados Unidos (EUA) (SEAGRI, 2013).

Inicialmente a soja teve sua exploração comercial como forrageira. Em 1940 os EUA cultivaram cerca de dois milhões de hectares com tal propósito. A partir de 1941 houve a inversão da área cultivada, sendo destinada para a produção de grãos (FAO, 2011).

Entre as safras de 1987/1988 e 2009/2010, enquanto a área cultivada cresceu 88,6%, a produção foi ampliada em 150,7% (Gráfico 1). Esse aumento mais expressivo na produção deveu-se, sobretudo, aos avanços tecnológicos que fizeram com que a produtividade evoluísse de 1900 kg.ha⁻¹ para mais de 2500 kg.ha⁻¹ (USDA, 2010).

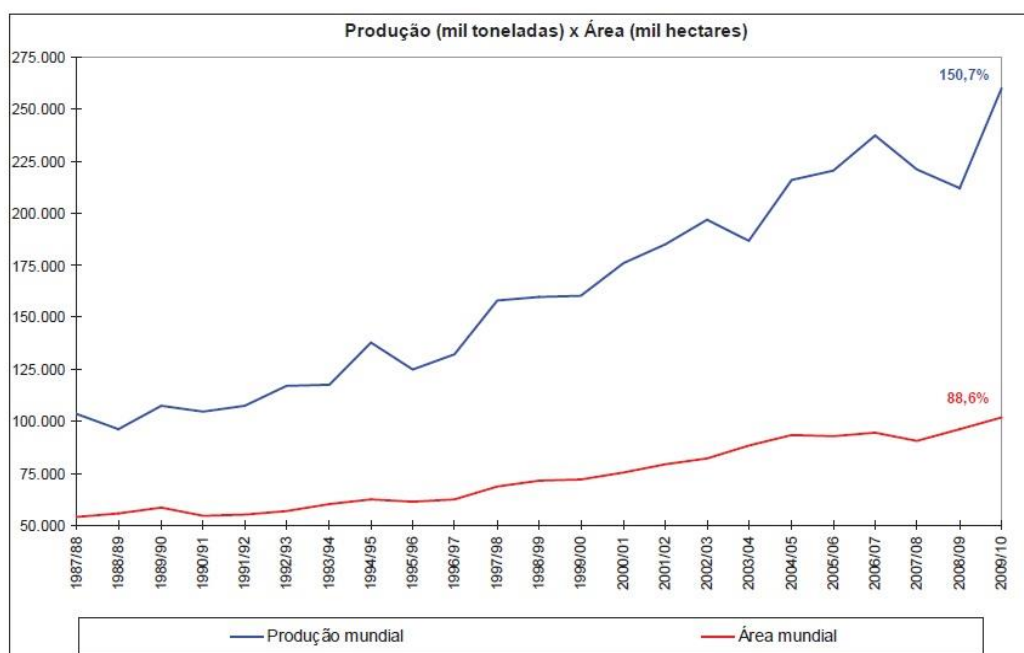


Gráfico 1 - Evolução da área e da produção de soja – 1987/88 a 2009/10.
Fonte: USDA (2010).

Os principais produtores de soja atualmente são os EUA, Brasil e Argentina, que juntos respondem por cerca de 71,6% e 82,7% respectivamente, da área e da produção mundial da oleaginosa (USDA, 2010). Conforme estimativas do World Agriculture Supply and Demand Estimates (USDA, 2013) a área de soja plantada na safra 2013/2014 correspondeu a 111,58 milhões de hectares.

Estimativas divulgadas pelo USDA mostram que na safra 2013/14 os EUA tendem a serem os maiores produtores mundiais de soja, responsáveis por produzir 88,66 milhões de toneladas. O Brasil vem logo atrás com 88 milhões de toneladas seguido pela Argentina com 53,5 milhões (Tabela 1).

Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2011) a soja trata-se de um dos produtos agrícolas mais rentáveis, além de ser rica em proteína e energia, produzindo mais proteínas por hectare do que qualquer outro grande cultivo.

Tabela 1: Soja – principais países produtores, safra 2009/10 a 2013/2014.

PAÍSES	(em milhões t)				
	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 (*)
EUA	91,42	90,61	84,19	82,56	88,66
BRASIL	69,00	75,30	66,50	82,00	88,00
ARGENTINA	54,50	49,00	40,10	49,30	53,50
CHINA	14,98	15,10	14,48	12,80	12,20
ÍNDIA	9,70	9,80	11,00	11,50	11,80
PARAGUAI	6,46	7,13	4,04	9,37	9,00
CANADÁ	3,58	4,45	4,30	4,93	4,80
OUTROS	10,77	12,54	14,54	15,42	15,58
TOTAL	260,40	263,92	239,15	267,88	283,54

Fonte: USDA (novembro/2013)

(*) Estimativa

2.2 O mercado mundial de produtos do complexo soja

A produção de soja destina-se ao óleo de soja e ao farelo. O principal destino da soja em grão é o setor industrial, visando à produção de farelo de soja, utilizado na elaboração de rações para atividades de pecuária. Aproximadamente três quartos da soja mundial é utilizada na ração animal, especialmente para aves e suínos. O óleo de soja é usado basicamente na alimentação, com cerca de 85%, e também na fabricação de outros produtos de consumo, tais como cosméticos e sabonetes, e também como biocombustível. Projeções recentes da FAO (2011) indicam um aumento da produção da oleaginosa de 515 milhões de toneladas até 2050; outras projeções indicam um aumento de 2,2% ao ano até 2030.

Fazendo-se uma análise do volume de grãos exportados mundialmente vemos que o Brasil, Argentina e EUA são responsáveis por 88,77% das exportações mundiais. Nas últimas duas décadas houve um crescimento expressivo no volume comercializado de soja em grão, com destaque para Brasil e Argentina, respondendo por 44% do total exportado. Quanto à importação de soja em grãos a China e a União Europeia são destino de mais de 2/3 do volume exportado (LAZZAROTTO, 2010).

China, EUA, Argentina, Brasil e União Europeia detém cerca de 84% e 85%, respectivamente da produção mundial de farelo e óleo de soja. Sendo que Argentina, Brasil e EUA exportam cerca de 87% e 82% do volume comercializado para farelo e óleo de soja, respectivamente. Em relação a importação de farelo de soja cabe destaque para países Asiáticos como Tailândia, Vietnã e Indonésia. Já para o óleo merece destaque na importação países como China, Índia, Marrocos, Argélia e a União Europeia (LAZZAROTTO, 2010).

2.3 A soja no cenário nacional

A soja foi introduzida no Brasil no ano de 1882 por Gustavo D'utra no estado da Bahia. A partir desse ano são relatados os primeiros testes feitos com algumas variedades da cultura (D'UTRA, 1882). Em São Paulo, mais precisamente no atual Instituto Agrônomo de São Paulo foram relatadas pesquisas com soja amarela e com soja preta, estas divulgadas em 1899, sendo essas as primeiras fontes de estudo da soja no Brasil (DAFFERT, 1892).

No Rio Grande do Sul foi que a soja encontrou condições favoráveis para se estabelecer e se expandir como cultura de importância comercial (DALL'AGNOL et al, 2002). A introdução oficial da cultura no referido estado tem sido atribuída ao professor F.G.Graig da Escola Superior de Agronomia e Veterinária da Universidade Técnica (atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul), no ano de 1914 (REIS, 1956). Em 1941, a soja apareceu pela primeira vez nas estatísticas oficiais do Rio Grande do Sul (VERNETTI, 1977).

Nesse mesmo ano foi construída a primeira fábrica de processamento de soja no Estado, o que contribuiu para a sua implantação definitiva.

Em 1941 foram cultivados 640 hectares de soja, sendo produzidas cerca de 450 toneladas. Em 1949, a produção ascendeu para 25 mil toneladas, chegando ao primeiro milhão de toneladas em 1969 (DALL'AGNOL et al, 2002). O crescimento na Região Sul foi favorecido, inicialmente, pela adaptação das tecnologias introduzidas dos EUA (principalmente cultivares), por ser uma cultura em sucessão ao trigo, possibilitando o aproveitamento da mesma área, máquinas, armazéns e mão-de-obra, possibilidades de mecanização total da cultura, condições favoráveis de mercado, especialmente do externo, carência de óleos vegetais comestíveis para substituir a gordura animal e participação de cooperativas nos processos de produção e comercialização (BONATO et al, 1987).

Em meados da década de 70, houve a expansão da cultura da soja para a Região Central do Brasil, sendo favorecida pela construção de Brasília, pelos baixos preços da terra dos Cerrados, pelo bom regime de chuvas no verão, pela topografia plana e pelo desenvolvimento de um conjunto de tecnologias específicas para a região com ênfase para cultivares adaptadas a climas tropicais, manejo da fertilidade e de sistemas de preparo dos solos. O avanço da cultura na região promoveu o seu povoamento, levando o progresso e o desenvolvimento a uma região antes pouco valorizada. Dessa forma, o estado do Mato Grosso tornou-se líder nacional de produção e produtividade de soja, seguido do Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso do Sul (EMBRAPA, 2002).

Com base na Figura 1 pode-se observar a distribuição espacial da exploração sojícola brasileira. Percebe-se que o cultivo desse grão tende a concentrar-se nas regiões Sul e Centro-Oeste. Vale ressaltar ainda que, embora o Brasil responda por aproximadamente 23,05% da área mundial de soja, o cultivo nacional deste produto ocupa apenas 2,76% do território brasileiro (IBGE, 2010).

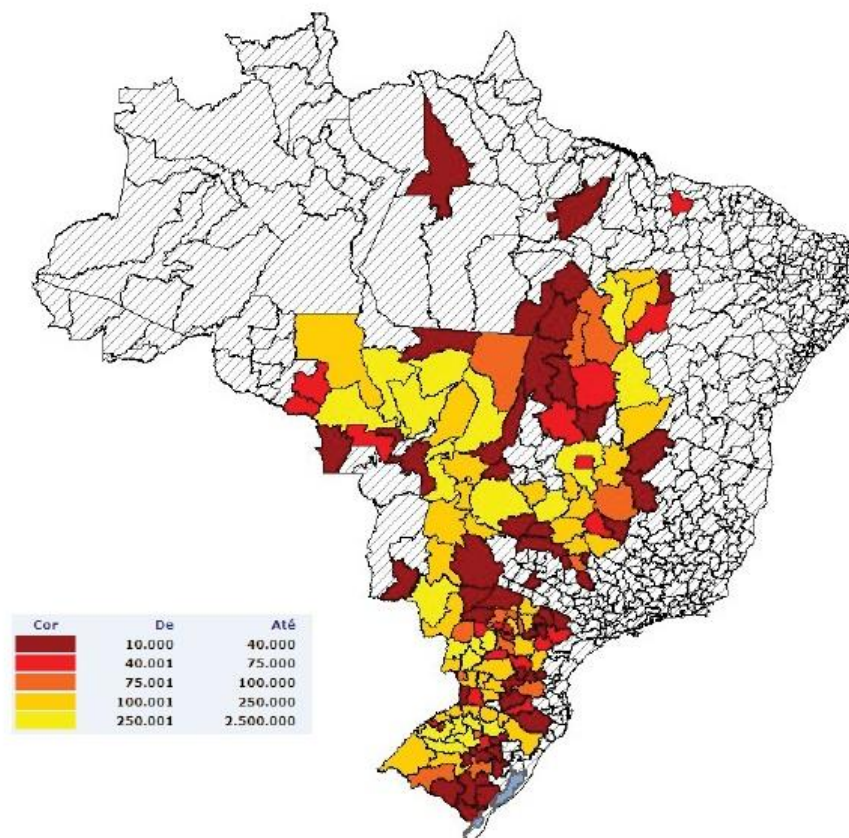


Figura 1 – Distribuição espacial da área de produção de soja no Brasil – safra 2007/08.
Fonte: IBGE (2010).

Como mostra o Gráfico 2, ao longo dos últimos 50 anos, a produção de grãos no país teve um impulso de 295%. Entretanto a área cultivada com grãos cresceu 43% enquanto a produtividade evoluiu 176%, em função da geração e adoção de tecnologia apropriada.

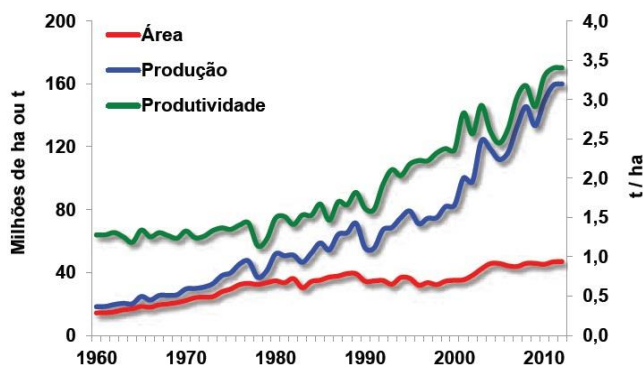


Gráfico 2 – Área plantada, produção e produtividade de grãos no Brasil.
Fonte: CONAB (2013).

Observa-se, na análise do Gráfico 3, que no caso da soja, o aumento da área foi fundamental, pois sua importância cresceu justamente a partir da segunda metade do século passado. Dessa forma, o crescimento da produtividade de soja nesse período foi importante para consolidar a expansão da cultura.

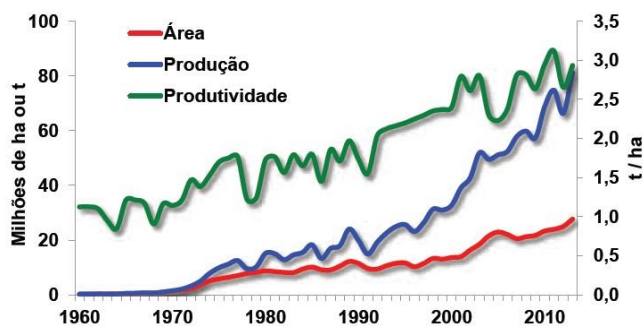


Gráfico 3 – Área plantada, produção e produtividade de soja no Brasil.
Fonte: CONAB (2013).

As projeções publicadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2008), demonstram que a área e a produção de soja deverão crescer substancialmente, como consequência do incremento da demanda e aproveitamento da disponibilidade de terras aptas para a produção, superior a 100 milhões de hectares.

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB – a área de plantio no país na safra 2013/14 deveria ser de 29,14 milhões de hectares. Sendo 1,4 milhões de hectares superior à área cultivada na safra 2012/13. Destaca-se esse aumento devido ao plantio ocorrer em regiões antes pouco exploradas como no Norte do país, merecendo destaque aos estados do Piauí, Roraima, Tocantins e Maranhão (CONAB, 2013).

A expectativa de crescimento da produção nacional e da demanda mundial está fundamentada em fatores como o crescimento da população mundial (70 milhões/ano); aumento da renda per capita da população, destacando o continente asiático, onde está a maior quantidade de futuros consumidores, o potencial de utilização da soja como matéria-prima para a indústria de biodiesel, tintas, plásticos, entre outros.

2.4 Importância socioeconômica da soja brasileira

O complexo agroindustrial da soja tem expressiva importância socioeconômica para o Brasil, devido ao fato de movimentar um elevado número de agentes e organizações ligados aos mais diferentes setores, como por exemplo: empresas de pesquisa e desenvolvimento, fornecedores de insumos, indústrias de máquinas e equipamentos, produtores rurais, cooperativas agropecuárias e agroindustriais, processadoras, produtores de óleo, fabricantes de ração e usinas de biodiesel, dentro outras. Com isso, o complexo acima citado é um vital gerador de riquezas, empregos e divisas, se tornando uma das principais fontes de desenvolvimento regional do país (HIRAKURI et al, 2014).

No que se refere à geração de divisas, a oleaginosa tem ampliado seu domínio nas exportações do agronegócio, pois, com uma taxa anual de crescimento de 13,73%, o valor de suas exportações alcançou o patamar de US\$ 30,961 bilhões, representando 30,97% das exportações do agronegócio brasileiro e 12,78% das exportações do país (HIRAKURI et al, 2014).

Além do mais, a soja hoje representa a principal *commodity* de exportação brasileira. Define-se como *commodities* as mercadorias, provenientes de cultivo ou extração, que são produzidas em larga escala e comercializadas mundialmente; produzidas por diferentes produtores e com características uniformes; geralmente, podem ser estocadas por um determinado período de tempo sem que haja perda de qualidade; por serem mercadorias primárias, propensas à transformação em etapas de produção, são negociadas globalmente (MDIC, 2014). O preço da commodity é cotado universalmente e oscila conforme a relação de oferta e demanda de sua procura no mercado externo (SECEX, 2009).

2.5 Limitantes à competitividade da soja brasileira

Apesar de ser um dos maiores produtores e exportadores de soja, o Brasil apresenta desafios que, se superados, poderiam resultar numa maior potencialidade do complexo de soja brasileiro, sendo fundamental para um mercado inserido numa concorrência mais agressiva (SILVA et al, 2011).

Dentre os principais obstáculos enfrentados na produção nacional de soja estão: os elevados custos de frete agrícola, significativamente superior aos observados nos principais concorrentes do Brasil na exportação de soja como os EUA e Argentina; o Brasil conta com uma capacidade de armazenamento a granel bastante inferior à produção nacional de grãos, ocasionando custos adicionais ao setor produtivo; a infraestrutura e a ineficiência operacional criam problemas aos portos nacionais, de tal modo que extensas filas de navios sejam formadas durante o período de maior escoamento de grãos, gerando custos adicionais de embarque e; além disso, alta carga tributária e elevadas taxas de juros (HIRAKURI, 2014).

Contudo, os desafios estruturais, envolvem toda a cadeia de logística onde há a predominância do uso de rodovias na matriz de transporte da soja, o que resulta numa menor viabilidade pela pouca exploração do potencial das hidrovias. Assim, o investimento público em infraestrutura rodoferroviária e portuária é essencial para a redução dos custos de escoamento da soja brasileira (SILVA et al, 2011).

Analisando o custo logístico brasileiro para escoar a soja em comparação com o custo americano vemos que o custo brasileiro é muito elevado, em média US\$ 70/t. Já o custo americano é de US\$ 9/t., porque a maior parte do transporte nos EUA é feita por hidrovias (FEAP, 2006).

Portanto, os principais desafios enfrentados pelo mercado da soja brasileira estão ligados a criação de novas rotas de escoamento do produto, a redução da carga tributária e buscar formas de integrar as indústrias de processamento às de produção para reduzir a capacidade ociosa da indústria de soja. A solução destes fatores, além de permitir um aumento da produtividade agrícola, iria criar uma maior estabilidade do complexo da soja no mercado internacional (CISOJA, 2014).

2.6 Entrada da China na Organização Mundial do Comércio

A Organização Mundial do Comércio (OMC) iniciou suas atividades em 1º de janeiro de 1995 e desde então tem atuado como a principal instância para administrar o sistema multilateral de comércio. Inicialmente contava com a participação de 124 países, e em 2014 já são 156 países participantes.

A organização tem por objetivo estabelecer um marco institucional comum para regular as relações comerciais entre os diversos membros que a compõem, estabelecer um mecanismo de solução das controvérsias comerciais, tendo como base os acordos comerciais atualmente em vigor, e criar um ambiente que permita a negociação de novos acordos entre os membros (MAPA, 2010). De acordo com Gonçalves (2003), a OMC trabalha para conseguir o pleno emprego, promover as melhores condições de vida das populações das nações, a melhor distribuição de renda e de riquezas, a expansão da produção e do comércio, bem como buscar um desenvolvimento sustentável que preserve o meio ambiente.

Antes da entrada da China na OMC, o exportador daquele país enfrentava problemas em relação a barreiras não tarifárias às importações tais como cotas, inspeções aduaneiras, restrições quantitativas e licenças para importar (AVERBURG, 2000). Para se tornar membro da OMC, a China passou por um profundo processo de ajuste. Esse país tem revisto alguns de seus mecanismos antes impostos como taxas de 3% às importações do grão de soja e de 13% às de óleo (SECEZ, 2007).

Por conta disso, a China ao transformar o comércio internacional em ponto central da sua política de crescimento, necessitava da garantia das regras da OMC de que suas exportações não seriam discriminadas; e os demais membros da OMC, atraídos pelo vasto mercado chinês, consideravam que as regras existentes seriam garantia de que a invasão dos produtos chineses poderia ser controlada (THORSTENSEN, 2011).

A partir de 2001, ano em que a China estrategicamente, entra para a Organização Mundial do Comércio (OMC), a participação chinesa no comércio internacional tem atingido números cada vez mais expressivos. Através disso, o principal destino das exportações brasileiras, na década de 2000, foi a China, a qual substituiu tradicionais parceiros do Brasil no quesito exportações (MAPA, 2011).

A adesão da China à OMC representou algumas restrições ao país e, igualmente, diversos ganhos comerciais, como é o caso do aumento comercial com o Brasil. O comércio anual entre o Brasil e a China tem levado a saldos comerciais em favor do Brasil, isso torna a China o seu principal parceiro comercial (THORSTENSEN, 2011).

2.7 Impactos na produção e exportação de soja brasileira a partir da entrada da China na OMC

Para o Brasil, a adesão da China à OMC trouxe reflexos bastante significativos. Os acordos comerciais entre os dois países passaram a ser regidos pela regra geral da OMC (MENDES, 2004). Desse modo, a China teve que, primeiramente, concordar com os diversos acordos já existentes dentro da organização, o que gerou redução de custos na exportação brasileira de vários produtos, especialmente em relação às *commodities*. Outro aspecto que deve ser levado em consideração nas relações comerciais entre o Brasil e a China pós-2001, é que estas passaram a ser mais regradas, ou seja, o governo chinês passou a não utilizar tanto das antigas barreiras tarifárias e não tarifárias, como contraponto às exportações brasileiras, fator que era um constante entrave para o crescimento das exportações brasileiras.

A relação sino-brasileira, mais especificamente, no setor comercial trouxe ao Brasil um saldo favorável na balança comercial. Percebe-se que as exportações de soja (grãos, farelo e óleo) para a China, são de extrema importância para a criação de divisas no Brasil e, por conseguinte, para maiores investimentos em outras áreas. O saldo da balança comercial de um país é o resultado das exportações menos as importações. Conforme demonstrado no Gráfico 4, o saldo comercial brasileiro teve sucessivos déficits desde 1995 até 2000, diferente do que se nota com o avanço da última década. Desta forma, a balança comercial saiu de um déficit de US\$ 6,6 bilhões em 1998 para atingir um superávit de US\$ 46,4 bilhões em 2006, ou seja, uma variação absoluta de US\$ 53 bilhões (IPEA, 2011).

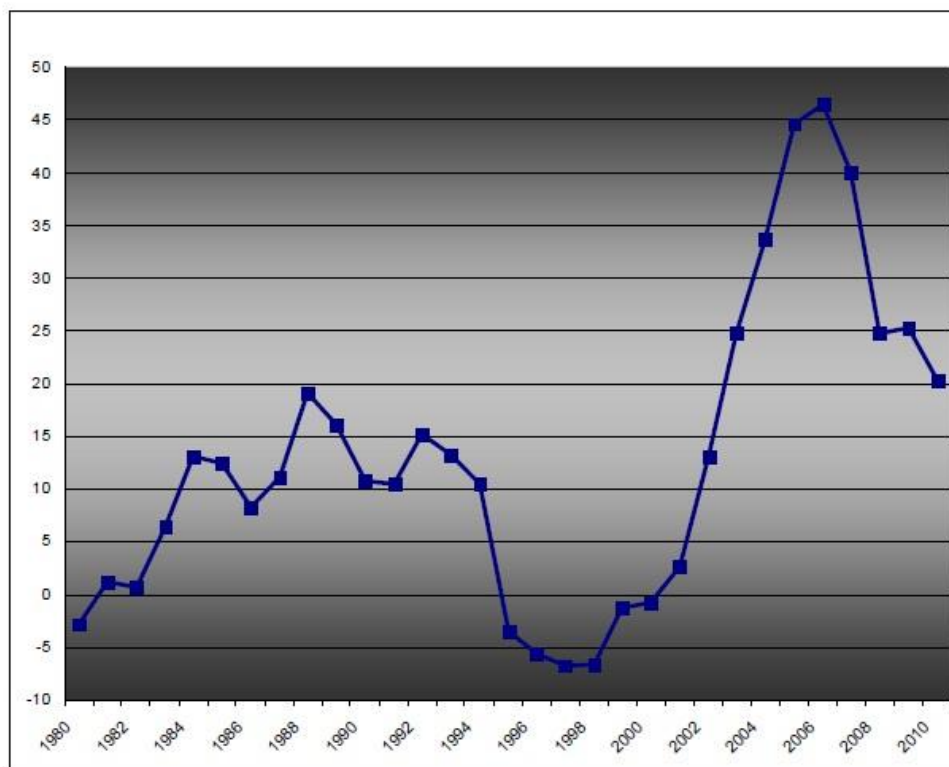


Gráfico 4 – Evolução da balança comercial brasileira US\$ (bilhões) – Período 1980 – 2010.

Fonte: IPEA, 2011.

Segundo dados da SECEX (Secretaria de Comércio Exterior), em 2000 as exportações do Brasil para a China alcançavam o montante de US\$ 1,1 bilhão, já em 2010, essas exportações atingiram US\$ 30,8 bilhões. Além do valor total das exportações do Brasil para a China ter aumentado, a pauta de exportações também sofreu mudanças. Em 2000, os produtos básicos, dentre elas as *commodities*, representavam cerca de 68% do total exportado para a China, já em 2010, esse índice cresce para 84%. Através desses dados, nota-se que concomitantemente com a elevação do valor exportado, houve um aumento das exportações de *commodities* para a China.

Conforme o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), as exportações brasileiras tiveram crescimento de 5,7% durante a década de 1990, já na primeira década do século XXI, esse crescimento teve aumento de 17,3% (BRASIL, 2011). Percebe-se, assim, que a partir dos anos 2000 a participação brasileira no comércio internacional tornou-se mais significativa. Através disso, a elevação do índice das exportações tem gerado superávits na balança comercial brasileira, especialmente, no que tange às exportações de *commodities* para a China.

Conforme o Gráfico 5, pode-se ver que as exportações das cooperativas agropecuárias brasileiras alavancaram a partir de 2001, ano em que a China passa a fazer parte da OMC.

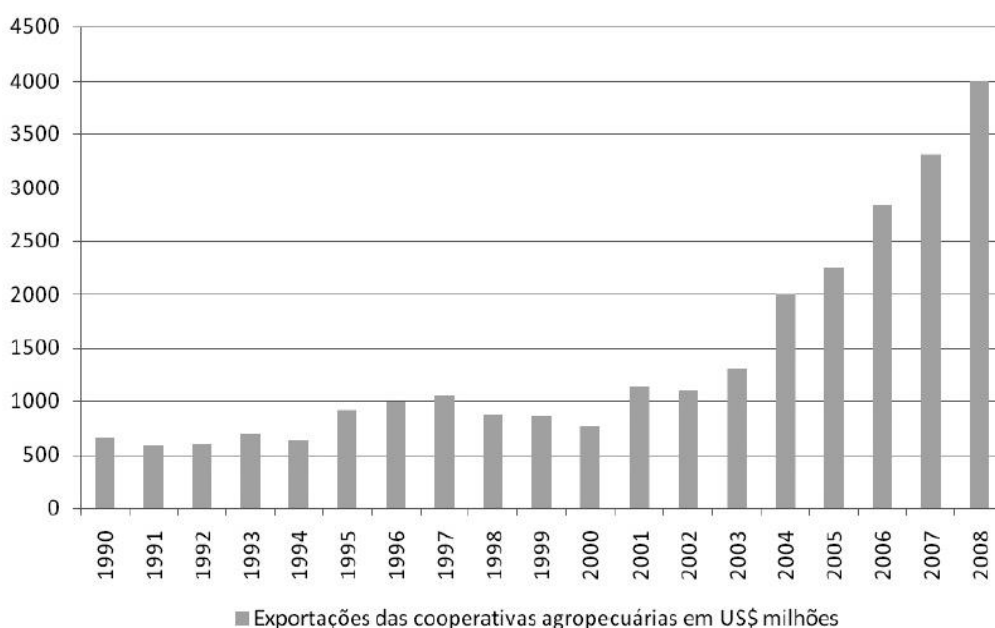


Gráfico 5 – Evolução das exportações das cooperativas agropecuárias brasileiras em milhões de dólares de 1990 a 2008.

Fonte: Organização das Cooperativas Brasileiras (2009).

O direcionamento dos fluxos comerciais internacionais também sofreu mudanças. A relação comercial entre o Brasil e a China merece destaque a partir do início da década de 2000. Sobre isso, cabe ressaltar a maior participação das exportações de bens primários sobre os bens manufaturados, diferentemente do que ocorria durante a década de 1990 quando as exportações, principalmente, de *commodities* não eram tão significativas. O Brasil, em 2010, apresentou exportações de US\$ 202 bilhões, evoluindo de US\$ 60 bilhões, em 2000. Em 10 anos, o Brasil multiplicou suas exportações em 3,4 vezes (SECEX, 2011).

Na tabela a seguir (Tabela 2), pode-se observar o crescimento da participação da China nas exportações e importações brasileiras e a redução relativa dos demais países. Em 2000, os principais destinos das exportações brasileiras eram em ordem decrescente: União

Europeia, Estados Unidos, MERCOSUL e ALADI (Bloco Econômico Associação Latino-Americana de Integração), os quais respondiam por 75% das exportações brasileiras totais. Em 2010, essa configuração sofreu mudanças importantes como a confirmação da China como maior destino das exportações brasileiras – posição alcançada já em 2009, quando deslocou os Estados Unidos – absorvendo 14% do total exportado pelo Brasil (FEL, 2012).

Tabela 2: Participação da China, Estados Unidos, MERCOSUL, ALADI e União Europeia nas exportações e importações Brasileiras – Período 2000 – 2010.

Ano	China		Estados Unidos		MERCOSUL		ALADI ¹ (exclusive MERCOSUL)		União Europeia	
	Exp	Imp	Exp	Imp	Exp	Imp	Exp	Imp	Exp	Imp
2000	2%	2%	24%	23%	14%	14%	9%	7%	28%	26%
2001	3%	2%	24%	23%	11%	13%	10%	5%	27%	28%
2002	4%	3%	25%	22%	5%	12%	11%	6%	26%	29%
2003	6%	4%	23%	20%	8%	12%	10%	5%	26%	27%
2004	6%	6%	21%	18%	9%	10%	11%	6%	26%	25%
2005	6%	7%	19%	17%	10%	10%	12%	6%	23%	25%
2006	6%	9%	18%	16%	10%	10%	13%	8%	23%	22%
2007	7%	10%	16%	16%	11%	10%	12%	7%	25%	22%
2008	8%	12%	14%	15%	11%	9%	11%	7%	23%	21%
2009	14%	12%	10%	16%	10%	10%	9%	7%	22%	23%
2010	15%	14%	10%	15%	11%	9%	9%	7%	21%	22%

Fonte: MDIC (BRASIL, 2011).

A evolução das relações comerciais entre Brasil e China tem apresentado crescimento significativo. Em 2000, as exportações do Brasil para a China chegavam a US\$ 1,1 bilhão e quase 2% do total das exportações do Brasil. Em 2010, tais exportações atingiam US\$ 30,8 bilhões e 15% do total. Do lado das importações, em 2000, o Brasil importou US\$ 1,2 bilhão, representando 2% do total. Já em 2010, esse valor chegou a US\$ 25,6 bilhões e 14% do total. Durante esses 11 anos, o saldo foi positivo para o Brasil em 8 anos, mas apresentou déficits em 2000, 2007 e 2008, voltando a ser positivo em 2009, ano de forte contração do comércio internacional, e em 2010. (SECEX, 2011).

Como pode ser visto na Tabela 3, a partir do ano de 2002, o Brasil vem aumentando consideravelmente as exportações de soja em grãos, do mesmo modo que a China tornou-se o principal país importador desse produto, passando de 2.940 mil toneladas entre 1997 e 1998 à 21.417 mil toneladas em 2002 à 2003. Tal explicação deve-se ao fato do volume de soja em grão consumido pela China ser 6,5 vezes superior a produção do país, mostrando sua grande dependência das importações do produto (USDA, 2011).

Tabela 3: evolução das exportações e importações mundiais entre 1987 a 2010.

Exportações mundiais - mil t								
País	1987/88	1992/93	1997/98	2002/03	2007/08	2009/10	Peso	TGC
Exportações mundiais	30.112	29.296	39.313	60.978	79.589	90.840	100,00%	6,21%
Estados Unidos	21.870	20.972	23.796	28.423	31.538	40.687	44,79%	3,53%
Brasil	2.711	4.056	8.760	19.629	25.364	28.450	31,32%	12,70%
Argentina	2.088	2.211	2.821	8.624	13.839	11.500	12,66%	9,88%
Paraguai	1.280	1.250	2.293	2.806	5.400	5.400	5,94%	6,27%
Canadá	186	211	769	726	1.753	2.200	2,42%	11,50%
Importações mundiais - mil t								
País	1987/88	1992/93	1997/98	2002/03	2007/08	2009/10	Peso	TGC
Importações Mundiais	28.113	30.047	38.164	62.914	78.118	87.132	100,00%	6,15%
China	208	150	2.940	21.417	37.816	50.000	57,38%	53,48%
União Européia (27)	0	0	0	16.943	15.123	12.900	14,81%	-
Japão	4.847	4.866	4.873	5.087	4.014	3.600	4,13%	-0,92%
México	956	2.136	3.502	4.230	3.584	3.450	3,96%	6,16%
Taiwan	2.119	2.506	2.387	2.351	2.148	2.500	2,87%	-0,01%

Fonte: USDA (2010).

A partir da safra 2012/13 o Brasil supera os EUA nas exportações mundiais de soja (Tabela 4). O país exportou quase 42 milhões de toneladas do grão nessa safra, enquanto os EUA exportaram menos de 36 milhões de toneladas. Para o ciclo 2013/14 a expectativa é de que o Brasil se consolide como o maior exportador de soja do planeta. O total a ser exportado na safra 2013/14 pode chegar aos 107,83 milhões de toneladas (USDA, 2013).

Tabela 4: Soja – principais países exportadores – safra 2009/10 a 2013/14.
(Em milhões t)

PAÍSES	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 (¹)
BRASIL	28,58	29,95	36,32	41,90	42,50
EUA	40,80	40,96	37,15	35,91	37,29
ARGENTINA	13,09	9,21	7,37	7,85	12,70
PARAGUAI	4,07	5,23	3,57	5,50	5,50
CANADÁ	2,25	2,94	2,93	3,50	3,45
OUTROS	2,50	3,42	4,93	5,28	5,85
TOTAL	91,44	91,70	92,27	99,95	107,83

Fonte: USDA (novembro/2013)

(¹) Estimativa

De toda a soja exportada pelo Brasil até outubro de 2013, cerca de 76% teve como destino final a China, seguido da Espanha com 4,3%, Holanda, Taiwan e Tailândia com 3,7%, 2,3% e 2,2% respectivamente (Tabela 5).

Tabela 5 – Soja – exportações brasileiras por destino – 2012 e 2013.

Países	Quantidade (t)		2013 Partic. (%)
	2012	2013 (¹)	
China	22.558.961	32.014.439	76,0
Espanha	2.122.250	1.807.066	4,3
Holanda	1.036.927	1.569.397	3,7
Taiwan	1.082.568	978.827	2,3
Tailândia	1.089.934	937.461	2,2
Outros	4.570.773	4.792.008	11,4
Total	32.461.413	42.099.198	100,0

Fonte: MDIC/Sistema Alice Web

Nota: (¹) Janeiro a outubro

No Brasil, os embarques de mercadorias brasileiras para a China somente começaram a aumentar de forma mais consistente a partir de 2001 (MACHADO E FERRAZ, 2006). Fator estimulado tanto pela mudança da política cambial, quanto pelo crescimento acima do normal da demanda chinesa por produtos tradicionalmente vendidos pelo Brasil. Dessa forma, a pauta de exportações brasileiras vem se concentrando em produtos básicos, como minérios (40%),

oleaginosas (23%) e combustíveis minerais (13%), que juntos responderam por 76% das exportações brasileiras (THORSTENSEN, 2011).

3 CONCLUSÕES

Ao longo desse trabalho pode-se constatar que o comércio internacional tornou-se muito mais dinâmico nos últimos anos. Como exemplo, estão as transações comerciais brasileiras ascendentes entre 2000 e 2010, destacando-se o saldo da balança comercial, que saiu de um déficit no início do período para um superávit recorde em 2006.

Um dos grandes responsáveis pelo constante crescimento da participação do País no comércio agrícola mundial é o excedente de produção exportável, devido ao baixo crescimento populacional do Brasil. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2010) enquanto em 2000 a população brasileira era de 169,8 milhões de habitantes, segundo o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), em 2010 essa população passa para mais 192 milhões de habitantes. Dessa forma, enquanto a produção de grãos subiu 77% na última década, o aumento da população foi de 13,7%. Isso indica a geração de um maior excedente exportável. Por isso, com a tendência declinante das taxas de crescimento populacional do Brasil e concomitante possibilidade de expansão da área cultivada e da produtividade, o excedente exportado poderá subir nos próximos anos.

A China teve como primeiro parceiro comercial na América Latina o Brasil, e tornou-se um dos principais destinos das exportações brasileiras no mundo. Em relação à exportação de soja, a China é o principal destino da oleaginosa brasileira com 76% do total. Com isso, a partir da safra 2012/13 o Brasil tornou-se o principal exportador do grão, passando inclusive os EUA, que até então detinha grande parte da exportação mundial de soja.

Dessa forma, a adesão da China na OMC, em 2001, teve e tem grande influência para que houvesse uma reversão na pauta exportadora brasileira – as *commodities*, em especial a soja, passaram a ocupar o primeiro lugar entre os produtos mais exportados pelo Brasil nos últimos anos.

Uma vez concluído o trabalho constata-se que os objetivos, tanto geral como específicos conseguiram ser alcançados. Sabe-se que a contribuição deste limita-se a agregar conhecimentos relacionados à exportação da soja brasileira, no entanto, sugere-se que novos estudos relacionados a mesma temática sejam implementados no sentido de ir-se buscando a revelação da situação da exportação de outras *comodities*, aqui não pesquisadas, por não se constituírem foco desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ACIOLY, Luciana; LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira; PINTO, Eduardo Costa. **A China na Nova Configuração Global: impactos políticos e econômicos**. Brasília: Ipea, 2011.

Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/ipea_china_mioilo_07_11_11.pdf>

Acesso em: 20 out. 2014.

BONATO, E. R.; BONATO, A. L. V. **A soja no Brasil: História e Estatística**. Embrapa – CNPSo, 1987.

BRASIL, Letícia de Azevedo. **A pauta exportadora brasileira na década de 2000 e o processo de reprimarização**. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/38308/000822895.pdf?sequence=1>>
Acesso em: 15 out. 2014.

DALL'AGNOL, A.; LAZZAROTTO, J. J.; HIRAKURI, M. H. **Desenvolvimento, Mercado e Rentabilidade da Soja Brasileira**. Londrina: Embrapa Soja MAPA (Circular Técnica 74), 2010.

DALL'AGNOL, A.; VIDOR, C. **A saga da soja no Brasil: uma trajetória de sucessos**. Londrina: Embrapa Soja, MAPA, Londrina, 2002.

DEMEULEMEESTER, Julien Marcel. **Ascensão Chinesa: Uma análise de seus impactos sobre o Brasil**. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71686/000880104.pdf?sequence=1>>
Acesso em: 16 out. 2014.

FAEP – Federação da Agricultura do Estado do Paraná. Boletim Informativo, no 940, dezembro, 2006. Disponível em: <<http://www.faep.com.br/boletim/bi940/bi940pag10.htm>>. Acesso em: 30 out. 2014.

FEL, L. P. **Influência dos principais fatores econômicos para as exportações de calçados e soja do Brasil e do Rio Grande do Sul de 2000 a 2010**. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54518/000856391.pdf?sequence=1>>
Acesso em: 20 out. 2014.

FILHO, Galeno Tinoco Ferraz; PEREIRA, Lia Valls. **O Acesso da China à OMC: Implicações para os interesses brasileiros**. Brasília: CNI, 2005. Disponível em: <

http://arquivos.portaldaindustria.com.br/app/conteudo_24/2012/09/06/332/20121203160336611377a.pdf> Acesso em: 20 out. 2014.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). **Statistical databases**. 2014. Disponível em: <<http://www.fao.org>>. Acesso em: 24 out. 2014.

GAZZONI, D. L.; **A sustentabilidade da soja no contexto do agronegócio brasileiro e mundial**. Londrina: Embrapa soja MAPA (Documentos 344), 2013.

GURGEL, A. C.; NETO, S. B.; BRAGA, M. B.; BALLIEIRO, C. **Impactos dos acordos comerciais sobre as exportações de soja, café, aves e suínos das cooperativas agropecuárias brasileiras**. Revista de Economia e Sociologia Rural, Vol.47 no.4, p.971-993, out/dez 2009. Brasília 2009.

HIRAKURI, M. H. **Avaliação econômica da produção de soja para a safra 2013/14**. Londrina: Embrapa Soja, 2013. 10 p. (Embrapa Soja. Circular Técnica, 102).

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Séries históricas**. Brasília: IPEA. 2014. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 30 out. 2014.

JENKINS, Rhys. **The “China effect” on commodity prices and Latin American export earnings**. Cepal Review, Santiago, n. 103, p.73-87, 2011.

CONAB. **Séries históricas de produção de grãos**. 2014c. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 19 out. 2014.

LANDGRAF, L.; KASTER, M.; DOMIT, L. A.; KILHL, R. A. S. **Soja Brasileira: sucesso de norte a sul**. Londrina: Embrapa Soja MAPA, 2002.

LAZZAROTTO, J. J.; HIRAKURI, M. H. **Evolução e Perspectivas de desempenho econômico associadas com a produção de soja nos contextos mundial e brasileiro**. Londrina: Embrapa Soja MAPA (Documentos 319), 2010.

LAZZAROTTO, J. J.; HIRAKURI, M. H. **O agronegócio da soja nos contextos mundial e brasileiro**. Londrina: Embrapa Soja MAPA (Documentos 349), 2014.

MACHADO, J, B, M.; FERRAZ, G. T. Comércio externo da China: efeitos sobre as exportações brasileiras. **Texto para Discussão IPEA**, Brasília, no 1182, maio 2006.

MARKOSKI, Alexandre Silva. **Comércio Bilateral Brasil-China: Um Estudo sobre o perfil da pauta exportadora brasileira entre 2000 e 2010**. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70002/000874612.pdf?sequence=1>> Acesso em: 15 out. 2014.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). **Agronegócio**. 2014. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>> Acesso em: 24 out. 2014.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMERCIO EXTERIOR (MIDIC). **Barreiras Externas**. 2014. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/secex/secex/informativo.php>>. Acesso em: 25 out. 2014.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMERCIO EXTERIOR (MIDIC). **Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)**. 2014. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/secex/secex/informativo.php>>. Acesso em: 26 out. 2014.

MOREIRA, M. G. **Soja – Análise da Conjuntura Agropecuária**. SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento/ DERAL – Departamento de Economia Rural, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC). **Base de dados estadísticas**. 2014. Disponível em: <<http://www.wto.org>>. Acesso em: 25 out 2014.

RUFATO, D. A.; MEDEIROS, N. H. **A abertura comercial brasileira: análise de impactos nos agronegócios da soja**. Universidade Estadual de Maringá, 2003.

SAMPAIO, L. M. B.; SAMPAIO, Y.; COSTA, E. F. **Mudanças políticas recentes e competitividade no mercado internacional de soja**. RER, Rio de Janeiro, vol. 44, no 03, p. 383-411, jul/set 2006.

SILVA, A. C.; LIMA, E. P. C.; BATISTA, H. R. **A importância da soja para o agronegócio brasileiro: uma análise sob o enfoque da produção, emprego e exportação**. Florianópolis: APEC, 2011.

THORSTENSEN, V. **Brasil e China – de conflitos de interesses à busca de uma agenda comum**. FUNAG/IBRACH, Brasília, 2011.

VALARINI, J. P.; KUWAHARA, M. Y. **O mercado da soja: evolução da *commodity* frente aos mercados internacional e doméstico.** Jovens Pesquisadores, vol.4, no 1 (6), jan.-jun./2007.

VILLELA, E. V. M. **As relações comerciais entre Brasil e China e as possibilidades de crescimento e diversificação das exportações de produtos brasileiros ao mercado consumidor chinês.** GEAP-PUC/SP. 2004.